

O CRESCIMENTO E A LOCALIZAÇÃO DOS CENTROS E TERREIROS DE XANGÔ NO GRANDE RECIFE (INTERPRETAÇÃO SOCIOLÓGICA)

João Hélio Mendonça
Antropólogo assistente do IJNPS

Estudos das taxas comparativas do crescimento das populações rural e urbana revelam nitidamente que a população brasileira tende a trocar seu "habitat" tradicional rural pela vida urbana das cidades ou capitais. O Brasil alcançou os 100 milhões de habitantes com uma população urbana de 60% do total, já se caracterizando portanto, como uma nação urbana. Grande parte deste crescimento da população urbana vem sendo resultado das migrações excessivamente rápidas das zonas rurais para as urbanas, "êxodo rural", e também dos centros urbanos menores para os maiores. Enquanto as cidades de menos de 10.000 habitantes tiveram aumento populacional de apenas 2,3% ao ano, as cidades de mais de 10.000 habitantes registraram um aumento de 6,1% ao ano.

Merece destaque o fato da Região Sudeste do país já possuir 75% de sua população em áreas urbanas — índice de urbanização superior ao registrado na Bélgica e na França.

A chamada metropolização prematura das grandes cidades brasileiras e os efeitos negativos econômicos e sociais acarretados por este fenômeno, vêm preocupando seriamente os governos.

É que os países em urbanização, atualmente, estão afetados por um processo de urbanização anormal ou patológico. Enquanto nos países da Europa Ocidental e América do Norte, a experiência histórica revela uma forma de conexão entre urbanização e outros processos componentes do desenvolvimento econômico como a industrialização, o mesmo não vem

acontecendo nos países atualmente *em* transição. Mesmo reconhecendo que existem consideráveis variações na forma adotada pela transição em cada país e até mesmo regionalmente, são muitas as características comuns e compartilhadas por esses países e em especial os da América Latina (1).

É que as populações da América Latina, que vêm nas últimas décadas se concentrando nas cidades ou nas metrópoles, não são absorvidas integralmente pelo processo de urbanização e por isso se constituem na sua grande maioria, em "quistos" ou setores marginalizados dos efeitos e das benfeitorias da urbanização (2).

São nos centros urbanos brasileiros mais desenvolvidos que se localizam milhões de assalariados de baixo nível, que residem nas favelas, nos altos e nos arredores dessas cidades, constituindo as camadas populacionais urbanas pobres e marginalizadas ou o chamado **proletariado urbano brasileiro** (3). Não há dúvida de que a maioria dessa massa brasileira procede do mundo rural e como não é absorvida ou integrada na chamada vida urbana, mantém formas e comportamentos de vida caracterizados como rurais.

E é nas zonas rurais e no Nordeste brasileiro que existe justamente mais miséria, que ocorrem persistências de padrões arcaicos nas estruturas econômicas, sociais e culturais e de onde provém a grande maioria das camadas urbanas pobres brasileiras. Se essas camadas são analisadas como uma categoria, observaremos mudanças decisivas na sua estrutura e composição ao longo de sua história. Inicialmente constituída pelos índios, foi durante os séculos XVI, XVII, XVIII e XIX composta de escravos africanos (4). Ainda quando o sistema agrário era o maior e principal fator de nossa economia, ela experimentou o fenômeno de migração como as migrações internas de nordestinos para o norte do país. Mais recentemente, de nordestinos para o sul etc. Ela absorveu na sua composição, a mão-de-obra do imigrante estrangeiro e embora ainda hoje se encontre em fase de estruturação e sedimentação, seu peso específico na população brasileira é grande e sua influência nos demais grupos desta sociedade vem se expandindo.

É precisamente entre estas camadas populacionais urbanas e pobres que as chamadas **religiões de massa** vêm se difundindo mais (5) e (6).

-
- (1) G. Germani — enumera uma série destas características, in "Sociologia da Urbanização".
 - (2) Peter Wilsher co-autor de "The Exploding Cities" questiona e duvida que mesmo as sociedades mais ricas possam responder e administrar eficientemente as grandes metrópoles.
 - (3) Termo utilizado por Vinhaz de Queiroz — Estudos sobre o Proletariado Brasileiro.
 - (4) Note-se a importância do escravo africano na formação brasileira nos mais variados aspectos.
 - (5) Gino Germani chama a atenção para atuação dos meios efetivos de comunicação de massa nos grupos e setores periféricos dentro das sociedades hoje.
 - (6) A bibliografia e as pesquisas são muitas para confirmação desta declaração. Veja os estudos de R. Ribeiro, Candido Procópio F. Camargo, Edson Carneiro, o arquivo de endereços dos centros de "xangôs" do IJNPS etc.

Como outros grupos ou setores de uma sociedade, as chamadas populações urbanas pobres devem ser estudadas pela Ciência Social. Em especial no Brasil, onde essas camadas tendem a exercer fator preponderante contribuindo fortemente com as rápidas taxas de urbanização nas nossas grandes cidades, participando, cada vez mais, no fenômeno de marginalidade (econômica, social, cultural e política); pela sua grande emergência na nossa sociedade, pela sua concorrência nas tensões sociais pelas suas particularidades e situações específicas etc (7).

Atualmente, com as transformações que vêm ocorrendo na sociedade brasileira, são vários os aspectos da vida cultural-religiosa que devem ser revistos.

A religião católica, por exemplo, que sempre exerceu papel preponderante e monopolizador na sociedade brasileira, vem, em virtude da crescente urbanização do país, da expansão da educação formal e do desenvolvimento tecnológico e industrial, sofrendo profundas transformações (8).

Conforme já assinalado, nas camadas mais pobres e recentemente urbanizadas, o domínio das chamadas religiões da massa vem se estendendo enormemente, já tomando parte ativa da vida social dessas camadas e dia a dia, desempenhando mais funções.

É papel da ciência social o estudo e a análise das religiões ou crenças, objetivando sempre as implicações e os efeitos dessas religiões sobre outros aspectos da sociedade, como no parentesco, na economia, na raça, na estratificação, etc. Se uma crença religiosa é institucionalizada, ela é apoiada e aceita como qualquer outra instituição. O caso, por exemplo, do Espiritismo de Umbanda que se encontra em fase de institucionalização no país, vem merecendo por parte da ciência social muita atenção. Caberiam indagações; como e por que novos movimentos religiosos têm início? Terão as diferentes crenças religiosas diferentes efeitos sociais? Até que ponto?

O interesse pelas conseqüências sociais das religiões ou crenças sobre as sociedades é tão antigo quanto a própria religião (9).

(7) No Brasil, as camadas pobres que hoje se localizam nos arredores das cidades foram submetidas a experiências particulares e características desta sociedade. Mantém essas camadas um movimento de vaivém entre o campo e a cidade. Seu acesso à grande cidade e à indústria é gradativo e se faz por estágios de cidades menores para maiores e também de formação e adaptação profissional gradativa. No Brasil, nunca tivemos uma *tradição proletária*, ao mesmo tempo, sempre existiu uma pré-estrutura urbana. Sempre existiu e persiste a inexistência dessas massas quanto às técnicas sociais necessárias para o exercício da cidadania etc. Vê-se Fernando Henrique Cardoso "Mudanças Sociais na América Latina".

(8) Documento da II Conferência Geral do Episcopado da A.L. em Medellín.

(9) BELLAH, Robert. *The sociology of religion*. The International Encyclopedia of the Social Sciences, v. 13 e 14. New York, MacMillan, 1972.

Émile Durkheim, no seu livro clássico "Le Suicide", utilizou a variável religião.

Max Weber, um dos fundadores da sociologia moderna, explicou o desenvolvimento e a ascensão do capitalismo através do estudo das crenças religiosas e de seus efeitos nas sociedades. Uma de suas maiores contribuições à sociologia moderna foi a sua concepção de "common value orientation" entre os membros de uma comunidade, não como uma força sobrenatural, que não pudesse ser empiricamente verificável, mas como uma força real, uma norma passível de verificação empírica e preponderante entre todos de uma dada comunidade.

A religião é elemento ativo da cultura, não é coisa separada da vida. Seu estudo sempre proporciona subsídios para o conhecimento da realidade social. É portanto, neste sentido, que estudos das diversas facetas da perspectiva religiosa brasileira devem ser intensificados. Neste trabalho, o crescimento e a localização dos centros e terreiros de xangôs e umbanda no Grande Recife são examinados de forma sistemática. Para comprovação do crescimento desses centros, foram pesquisadas as nove federações de cultos Afro-brasileiros do Estado, o Serviço de Cadastramento da Delegacia de Diversões Públicas do Estado, a fonte bibliográfica, além de entrevistas com autoridades, delegados etc. Para verificação da distribuição e da localização desses centros no Recife e na sua área metropolitana, utilizamos o arquivo do Departamento de Antropologia do IJNPS que conta com pouco mais de 3.000 fichas, registrando nome do centro, filiação quanto à federação, endereço desses centros e outras observações. Deste universo, foram retiradas 1.514 dessas fichas aleatoriamente. Desta forma, com uma amostra bastante representativa, verificamos a localização desses centros, nos diferentes distritos do Recife e dos municípios componentes de sua área metropolitana.

Em seguida, os dados coletados sobre os dois fenômenos (o crescimento e a localização), são estudados e interpretados do ponto de vista sociológico. Não se pretende aqui, de maneira nenhuma, apresentar assunto inédito.

O presente trabalho intenciona apenas acrescentar ou atualizar a bibliografia existente sobre estudos de religiões minoritárias em Pernambuco e em especial sobre os cultos de xangô e umbanda.

1 — O CRESCIMENTO DOS TERREIROS DE XANGÔS NO GRANDE RECIFE

Já são hoje mais de 5.000 os centros, terreiros, ou xangôs localizados no Grande Recife. Seu crescimento vem sendo vertiginoso. Pesquisamos para a verificação deste crescimento as seguintes fontes: a bibliográfica, o ar-

quivo do Departamento de Antropologia do Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, os arquivos das diversas federações, o arquivo da Delegacia de Costumes da Secretaria de Segurança Pública do Estado de Pernambuco, além de entrevistas e conversas com pessoas tidas como entendedoras do assunto tais como: pais de santo, presidentes e vice-presidentes de federações, delegados e autoridades policiais etc. Nenhuma das fontes pesquisadas poderá fornecer o número, com exatidão, desses centros, nem no Recife, nem no Estado de Pernambuco. A fonte bibliográfica compreendeu os estudos mais conhecidos sobre o tema realizados em Pernambuco (10).

A bibliografia, de uma maneira geral, pouco se refere ao aspecto numérico desses centros. O 10 Congresso de Estudos Afro-Brasileiros no Recife, em 1934, publica no final uma pequena lista de terreiros ou centros (seitas), situados no Recife. Porém o critério para constar na referida lista foi muito mais o de expressividade, e de convivência e familiaridade com os pais de santo. Enfim, só aqueles centros registrados no Serviço de Higiene Mental do Estado constam na citada lista. Ela está longe da exatidão quanto ao número desses centros. Mesmo em 1934, já possivelmente havia nesta cidade um número maior deles. Os outros estudos, tais como os de W. Valente, Gonçalves Fernandes e M. Herkovits, são estudos objetivando outras finalidades e não a propagação ou o aumento desses centros no Grande Recife. Nos *Cultos Afro-Brasileiros do Recife* de R. Ribeiro (Recife, IJNPS, 1952), o autor calcula que no ano de 1947 existiam cerca de 48 desses centros na cidade. Já em 1951, pouco mais de três anos depois, o número desses centros havia aumentado para mais de 100. A repressão policial de então dificultava as tentativas de identificação e contactos com esses centros e havia muitos deles camuflados em Sociedades Carnavalescas ou outras formas de agremiações (11).

No arquivo do Departamento de Antropologia do IJNPS, encontram-se mais de 3.000 fichas registrando nome do centro, filiação quanto à Federação, nome do responsável, endereço do centro e outras observações como calendários das festas, toques ou cerimônias públicas, a que linha ou ritual segue mais fielmente o centro etc. Essas fichas foram o resultado de visitas que os integrantes do departamento realizaram em mais de 1.000 centros no Grande Recife nos anos de 72, 73 e 74, de pesquisas realizadas nos fichários das 6 federações da cidade do Recife, bem como na Divisão de Diversões Públicas da Delegacia de Costumes da Secretaria de Segurança do Estado.

(10) Estudos de R. Ribeiro, W. Valente, Congresso Afro-Brasileiro, M. Herkovits, Gonçalves Fernandes, entrevistas e reportagens em jornais, entrevistas com pesquisadores sobre o assunto, etc.

(11) GONÇALVES, Fernandes. *Xangôs no Nordeste; investigação sobre os cultos negros fetichistas do Recife*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1937.

Nas Federações (12), realizamos levantamentos nos seus fichários e livros de registros e embora não tenha sido possível obter com precisão o número exato desses centros em cada uma dessas federações, obtivemos número aproximado segundo informações de presidentes ou vice-presidentes das mesmas. Algumas das 9 federações do Estado não nos permitiram a manipulação de suas fichas e de seus livros de registros, nos informando apenas o número total dos seus centros em anos sucessivos.

Na Divisão de Diversões Públicas da Delegacia de Costumes da Secretaria de Segurança Pública, existe um serviço de cadastramento dos centros ou terreiros de todo o Estado. Anualmente os centros, após obterem uma licença de uma das 9 federações do Estado, são cadastrados naquele setor da Delegacia de Costumes e recebem um prontuário e a liberação legal e oficial para o funcionamento. Esse cadastramento (prontuário) é repetido anualmente. Consiste de um retrato 3 x 4 do responsável pelo centro, o nome do centro, a que federação é filiado, a rua, o bairro, o nome do responsável, o documento de identidade utilizado pelo responsável, onde ele é residente e finalmente a data de registro.

REPRODUÇÃO DE UMA FICHA DA D.D.P.

DA SEC. SEG. PUB. (Prontuário)

SECRETARIA DA SEGURANÇA PÚBLICA
DELEGACIA DE COSTUMES
DIVISÃO DE DIVERSÕES PÚBLICAS

Prontuário Nº 320

CENTRO ESPÍRITA _____

Filiado à _____

Sediado na Rua _____ Nº _____

Bairro _____ Neste Estado

Responsável _____

Documento de Identidade _____

Residente na Rua _____ Nº _____

Bairro _____ Cidade _____ Neste Estado

Data do Registro ____/____/197 ____

Encarregado do Serviço

(12) As Federações em número de 9 no Estado, são agremiações com personalidade jurídica que congregam os terreiros de xangôs e os centros de Umbanda do Estado.

No ano de 1974, o total dos centros cadastrados pela Divisão de Diversões Públicas foi de 4.273. Segundo declarações da funcionária responsável pelo cadastramento desses centros, já no fim do mês de abril deste ano haviam sido cadastrados 1.389 centros. A D.D.P. para conceder o prontuário e a licença de funcionamento exige que o responsável apresente a folha corrida, 2 fotografias 3 x 4 e uma licença expedida por uma das federações.

Não pode ser obtido o prontuário sem a licença de uma das federações. Vem sendo o seguinte crescimento aproximado dos centros no Grande Recife. Em 1947, segundo (R. Ribeiro) existiam apenas cerca de 48 desses centros e já em 1951, somavam 120. Dez anos depois, em 1961, já somavam 3.210.

Atualmente já existem mais de 6.000 desses centros só no Grande Recife (13).

QUADRO Nº 1

Quadro representativo do crescimento dos centros espíritas de Umbanda e Xangôs no Grande Recife.

Ano	Número centros/xangôs	Fontes
1947	48	(R. Ribeiro – IJNPS, 1952)
1951	120	(Pesquisa Federações do Recife)
1961	3.210	(Pesquisa Federações do Recife)
1975	6.000	(Federações, arquivo IJNPS) (entrevistas c/funcionários e autoridades de Delegacias, arquivo de Delegacia de Diversões etc.).

Por várias razões (14), é sempre a cidade ou a capital o local mais provável para o estabelecimento e a difusão desses centros. Eles sempre funcionam nas áreas urbanas ou suburbanas e quase nunca existem isoladamente no quadro rural. Já começam a existir em cidades do interior, especialmente naquelas que servem de centro às zonas econômicas, ou que exercem influência sobre uma determinada área (15).

- (13) Segundo informações de autoridades e funcionários da Delegacia de Diversões Públicas da SSP, esse número é realmente maior. Só no ano de 1974 foram registrados naquele setor da Delegacia 4.273 centros, soma já bem maior que a do ano de 1973. Existe um grande número desses centros que não são legalizados nem juntos à D.D.P. nem às federações.
- (14) A cidade favoreceu situações de contacto, melhor situação econômico-social para os negros libertos e posteriormente também para o migrante de origem rural.
- (15) Já existem federações desses cultos nas cidades de Palmares no sul do Estado, de Garanhuns, no Agreste, e de Goiana na zona norte do Estado.

Diferente das igrejas e denominações (16), onde a doutrina é rigorosamente definida e até rigorosamente controlada, esses centros (cultos) organizam-se independentemente e em unidades autônomas. Embora compartilhem de maneira geral de vários elementos ou linhas de um mesmo ritual, diferem em detalhes entre si, pois tiveram tradições diversas, sofreram a ação da aculturação e muito dependem da capacidade de ação de seus líderes e até dos seus adeptos (17).

Merece revisão a tradicional afirmação de que nesses centros se praticavam e se freqüentavam as religiões africanas. Nunca a atividade religiosa desses centros foi puramente africana. Sempre foram permeadas de elementos do catolicismo e mais recentemente vem ocorrendo a introdução de muitos elementos do Espiritismo Kardecista e da Umbanda. A crescente aceitação e penetração do xangô e da umbanda está especialmente relacionada com as populações pobres das grandes cidades e não com qualquer proporção mais acentuada de pretos ou mulatos do que a existente nessas populações. A segregação ecológica do negro não apresenta no Brasil o caráter racial do caso norte-americano. É muito mais o produto de diferenças da estratificação social. As distinções ou barreiras de classe social no Brasil acham-se muito mais nitidamente traçadas que as diferenças e características raciais.

Não podem o desenvolvimento e o extraordinário crescimento dessas religiões (afro-brasileiras) ser explicados só pela difusão e continuidade de traços culturais. Essas religiões fornecem para estas populações funções de integração social, reorganizando a visão do mundo diante das situações de mudança. Elas proporcionam, particularmente aos migrantes de origem rural que se localizam nos arredores das cidades reencontro com as suas formas tradicionais de comportamento. Assim como outras religiões de massa que vêm crescendo nas cidades brasileiras, sua expansão e penetração expressam processos de mudança social que vêm ocorrendo no Brasil, especialmente com a urbanização.

Logo em seguida às religiões (afro-brasileiras), vêm tendo também extraordinário crescimento as chamadas seitas pentecostais, representadas pela Assembléia de Deus, Congregação Cristã no Brasil, Cruzada Nacional de Evangelização, Igreja Evangélica Pentecostal etc. Essas seitas vêm apresentando o maior crescimento no Brasil entre as denominações protestantes, particularmente nas últimas décadas (18). Na cidade do Recife, a Assembléia

(16) Adotamos a Tipologia aceita pela Sociologia, de Igreja, Denominação; seita; culto. Veja Max Weber, H. Johnson etc.

(17) O adepto vem influenciando na organização e no ritual dos centros afro-brasileiros. Segundo questionários aplicados. WEBER, Max. Ensaios de sociologia. Rio de Janeiro, Zahar Ed. 1971. pág. 347-70.
JONHSON, Harry M. Introdução sistemática ao estudo da sociologia. São Paulo, Lidador, 1967, pág. 483-503.

(18) READ, William. *Fermento religioso nas massas do Brasil*. Campinas, Liv. Cristã Unida, 1967. pág. 129.

de Deus, a seita pentecostal que se encontra em maior expansão entre elas, conta com mais de 104 Templos e salões no Grande Recife (19).

Os Pentecostais (Assembléia de Deus) estabeleceram-se no Brasil inicialmente no Estado do Pará no ano de 1910, com a chegada dos missionários de origem sueca Gunnar Vingren e Daniel Berg. Esses dois missionários haviam chegado ao Brasil oriundos de um movimento de reavivamento pentecostal em South Bend, no Estado de Indiana, E.U.A.. Utilizando um padrão missionário auto-suficiente e próprio, onde os próprios pastores exerciam atividades remuneradas para sobreviver, foi a nova religião logo se difundindo para outros Estados brasileiros. Os pastores propagadores da nova religião, além de terem um padrão auto-suficiente, não tinham nenhuma dependência estrangeira. Logo se familiarizavam com as formas de vida das populações, em particular daquelas capazes de dar uma resposta aos seus chamados.

Por várias razões, inclusive muitas de ordem sociológica, a nova religião propagou-se enormemente no Brasil. A primeira Igreja desta seita foi fundada no Recife no ano de 1918 pelo Pastor de nacionalidade sueca Joel Carlson, no bairro da Encruzilhada. Já conta atualmente com mais de 22.000 membros registrados, 66 templos e 40 salões só no Grande Recife. Sua ação missionária vem sendo muito intensa também no interior do Estado, principalmente nas zonas do Litoral e da Mata onde se encontram as maiores concentrações populacionais do Estado.

Já é a **Assembléia de Deus** o principal movimento pentecostal do Brasil. Ele vem acompanhando as atuais correntes e transformações do país (migrações internas, acomodações aos padrões de comportamento urbano etc). Os templos e os salões desta seita atraem grande número daqueles que vivem e que compõem as camadas inferiores.

“O contínuo desarraigamento e mudanças de um lado para outro de um povo que não tem descanso, impellido por mudanças culturais de toda espécie — inflação, secas, industrialização, moléstias, analfabetismo, idolatria — faz criar um grande vácuo sociológico. Essas pessoas, nas angústias da aculturação, sentem um vazio dentro das mesmas. O vácuo existente na alma da massa não é figura de linguagem, mas sim uma triste realidade. Dentre todas as igrejas evangélicas do Brasil, apenas a Assembléia de Deus e as igrejas pentecostais suas irmãs estão em posição de tirar partido da receptividade sociológica de um povo em revolução no momento histórico em que vivemos” (20).

(19) Segundo informações obtidas na Igreja Central da Assembléia de Deus e no IBGE.

(20) READ, William. *Fermento religioso nas massas do Brasil*. Campinas, Liv. Cristã Unida, 1967.

A distribuição e a localização geográfica dos templos e salões pentecostais confirmam que sua atuação e presença seguem bem de perto os movimentos e as grandes transformações sociais que ocorrem no país. O seu padrão de crescimento está também intimamente relacionado com o aumento da população urbana, particularmente a partir de 1930, quando esta urbanização se intensificou. A inclusão, por parte de seus missionários de elementos oriundos da cultura popular-rural brasileira, tais como misticismo curandeirismo e exorcismo; a própria origem e proveniência desses missionários, identificados por inúmeras semelhanças com os novos convertidos (os irmãos), faz com que estas seitas já apresentem taxa anual de crescimento de 23% ao ano.

Assim como as religiões afro-brasileiras, essas seitas (pentecostais), embora em menor escala, também vêm propiciando funções de integração às várias situações de mudança de grande parte da população brasileira, notadamente aqueles que se encontram despreparados para integração na nova sociedade urbano-industrial.

2 – A LOCALIZAÇÃO DOS TERREIROS DE XANGÔS E DE UMBANDA NO GRANDE RECIFE.

A distribuição e a localização dos centros e terreiros de xangô e umbanda no Recife, estão sempre vinculados ao local de residência das populações pobres da cidade. São exatamente nos bairros mais pobres, nos altos, nos morros e nos córregos desta cidade e de sua área metropolitana (21), que se localiza e se concentra a grande maioria desses centros. Segundo amostra de 1.514 fichas retiradas aleatoriamente das 3.000 fichas do arquivo do Departamento de Antropologia do IJNPS, é a seguinte a distribuição desses centros pela ordem, nas 15 zonas administrativas do Recife e nos municípios componentes de sua área metropolitana. São 8 os municípios integrantes da área metropolitana do Recife. Ressalte-se, no entanto, que somente 5 desses municípios constam da amostra de 1.514 fichas, a saber: Jaboatão, Olinda, São Lourenço, Paulista e Cabo. (Veja quadro nº 2).

(21) Os 8 municípios componentes da área metropolitana do Recife são: Paulista, Olinda, São Lourenço, Moreno, Itamaracá, Jaboatão, Igarassu e Cabo.

QUADRO Nº 2

Pela ordem o número de centros nas zonas administrativas do Recife e nos municípios de sua área metropolitana.

	ORDEM	Número de Centros ou xangôs	%
A – ZONAS ADMINISTRATIVAS DA CIDADE DE RECIFE.			
13 – Casa Amarela	1º	222	14,66
11 – Boa Viagem	2º	184	12,15
8 – Afogados	3º	155	10,24
15 – Beberibe	4º	151	9,97
10 – Tejipió	5º	69	4,56
9 – Madalena	6º	35	2,31
14 – Várzea	7º	31	2,05
7 – Encruzilhada	8º	30	1,98
12 – Poço	9º	24	1,59
3 – São José	10º	15	0,99
5 – Santo Amaro	11º	7	0,46
6 – Graças	12º	2	0,13
2 – Santo Antônio	12º	2	0,13
1 – Recife	13º	1	0,06
4 – Boa Vista	14º	—	—
Total do Recife		928	61,29
B – MUNICÍPIOS DA ÁREA METROPOLITANA			
Jaboatão	1º	275	18,17
Olinda	2º	114	7,53
São Lourenço	3º	94	6,21
Paulista	4º	60	3,96
Cabo	5º	43	2,84
Total		586	38,71
Total Grande Recife ou área Metropolitana		1.514	100,00

QUADRO Nº 3

Distribuição Percentual dos Centros nas quinze Zonas Administrativas do Recife e nos Municípios, pela ordem:

ZONAS ADMINISTRATIVAS	ORDEM/ CLASSIFICAÇÃO	PERCENTUAL
13 – Casa Amarela	10	14,79%
11 – Boa Viagem	20	12,50%
8 – Afogados	30	10,23%
15 – Beberibe	40	9,97%
10 – Tejipió	50	4,35%
9 – Madalena	60	2,31%
14 – Várzea	70	2,04%
7 – Encruzilhada	80	1,98%
12 – Poço	90	1,58%
3 – São José	100	0,99%
5 – Santo Amaro	110	0,46%
6 – Graças	120	0,13%
2 – Santo Antônio	130	0,13%
1 – Recife	140	0,06%
2 – Boa Vista	150	—
TOTAL		61,29%

MUNICÍPIOS DO GRANDE RECIFE	ORDEM	PERCENTUAL
Jaboatão	10	18,17%
Olinda	20	7,52%
São Lourenço	30	6,20%
Paulista	40	3,86%
Cabo	50	2,84%
TOTAL		38,71%

QUADRO Nº 4

Distribuição dos Centros segundo as Zonas Administrativas e Distritos da cidade do Recife.

Zonas Administrativas e Distritos	Nº de Centros	Zonas Administrativas e Distritos	nº de Centros
1. Zona Administrativa		8. Zona Administrativa	
– Recife	1	– Afogados	155
Recife	1	Afogados	87
2. Zona Administrativa		Mustardinha	28
– Santo Antonio	–	Mangueira	19
Santo Antonio	2	Jardim S. Paulo	16
		Estância	5
3. Zona Administrativa		9. Zona Administrativa	
– São José	15	– Madalena	35
Coelhos e Coque	10	Cordeiro	23
São José	5	S. Martin	8
4. Zona Administrativa		Torre	3
– Boa Vista	–	Zumbi	1
Boa Vista	–	10. Zona Administrativa	
5. Zona Administrativa		– Tegipió	69
– Santo Amaro	7	Areias	31
Santo Amaro	7	Tegipió	18
6. Zona Administrativa		Barro	10
– Graças	2	Caçote	3
Graças	–	Sucupira	3
Tamarineira	2	Pacheco	3
		Sancho	1
7. Zona Administrativa		11. Zona Administrativa	
– Encruzilhada	30	– Boa Viagem	184
C. Grande	23	Pina e Brasília	76
Arruda	5	Ibura	65
Encruzilhada	2	Boa Viagem	28
		Imbiribeira	10
		IPSEP	5

QUADRO Nº 4 – Continuação

Zonas Administrativas e Distritos	Nº de Centros	Zonas Administrativas e Distritos	Nº de Centros
12. Zona Administrativa – Poço	24	14. Zona Administrativa – Várzea	31
Apipucos	18	Eng. do Meio	9
Casa Forte	3	Várzea	9
Dois Irmãos	2	Iputinga	8
Poço da Panela	1	Caxangá	4
		Bomba Grande	1
13. Zona Administrativa – Casa Amarela	222	15. Zona Administrativa – Beberibe	151
Casa Amarela	190	Água Fria	50
N. Descoberta	16	Beberibe	40
Mangabeira	5	A. Compridas	24
Macaxeira	4	Fundão	22
Vasco da Gama	4	Peixinhos	5
Guabiraba	3	Arruda	5
		Caixa D'água	1
		Sapucaia	1
		Alto de Deodato	2
		Cajueiro	1

DISTRIBUIÇÃO DOS CENTROS NOS MUNICÍPIOS DA ÁREA METROPOLITANA

Municípios e Distritos	Nº dos Centros
Jaboatão	275
Jaboatão	234
Prazeres	36
Total	5
Olinda	114
Olinda	108
Peixinhos	6
São Lourenço	94

Municípios e Distritos	Nº dos Centros
São Lourenço	71
Camaragibe	23
Paulista	60
Paulista	44
Abreu e Lima	9
Paratibe	7
Cabo	43
Cabo	43

Como se observa, a zona administrativa nº 13 de Casa Amarela está abrigando o maior número deles e contribuindo com o maior percentual, ou seja 14,66%.

É também Casa Amarela a zona administrativa do Recife que apresenta a mais alta densidade demográfica por hectare. Sua relação-habitante por hectare está entre 155-190, o que significa a mais alta do Recife. Compreende esta zona os distritos ou lugares de Mangabeira, Alto Santa Isabel, Alto da Favela, Vasco da Gama, Alto do Eucalipto, Nova Descoberta, Macaxeira, Brejo da Guabiraba, Bomba do Hemetério, Parnamirim. São todos esses distritos, com exceção do último, (o Parnamirim), regiões habitadas na quase totalidade pelas populações pobres da cidade.

Trata-se da zona de maior população do Recife, contando com 165.787 habitantes. (*). Embora existam partes de alguns distritos, ruas ou avenidas urbanizadas e onde reside a classe média, no todo esta zona administrativa é caracterizada como uma zona pobre da cidade do Recife, especialmente considerando os morros, os altos e os córregos que a compõem (22).

(*) Fontes: IBGE. Censo Demográfico — 1970 - Rio de Janeiro, 1972.

(22) Segundo levantamento do IJNPS são as zonas de Graça, Poço, Madalena, Boa Vista as que apresentam as mais altas médias de renda familiar. As zonas de Casa Amarela, Afogados, Beberibe e Boa Viagem são as que se situam entre as de mais baixa renda.

É a seguinte a distribuição dos centros e terreiros de xangôs nos diferentes distritos ou lugares desta zona, pela ordem:

1o Casa Amarela propriamente dita (morros, altos e vizinhança)	190
2o Nova Descoberta	16
3o Mangabeira	5
4o Macaxeira	4
5o Vasco da Gama	4
6o Guabiraba	3

Em seguida a zona de Casa Amarela, está a zona nº 11 de Boa Viagem, que abrange os distritos de Imbiribeira, IPSEP, Ibura, Dois Rios, Pina e Brasília, parte do Jordão etc. Os distritos de Pina e Brasília como era de se esperar compreendem o maior número desses centros. Trata-se de uma das zonas mais extensas da cidade do Recife com uma superfície de 33,6 Km², só sendo superada, pela zona nº 13 de Casa Amarela. Sua população, também de 156.504, coloca-a em posição privilegiada em relação às outras zonas do Recife. Nesta zona, em 1º lugar estão o Pina e Brasília com 76 centros. Em seguida, o Ibura, com 65. Em 3º lugar, o bairro de Boa Viagem propriamente dito com 28 centros ou terreiros. Não obstante, esses terreiros não são localizados nas avenidas ou nas ruas principais e mais urbanizadas deste bairro. São localizados nas imediações do Encanta Moça, beirando o Canal, entre o Aero-Clube e a Av. Herculano Bandeira, do lado da Av. Domingos Ferreira etc. Eles não existem na Av. Beira Mar, na rua dos Navegantes ou na Conselheiro Aguiar. Em 4º lugar, vem a Imbiribeira, com 10 centros e por último a Vila do IPSEP, com 5.

É a seguinte a distribuição dos centros nos diferentes distritos desta zona:

1o Pina e Brasília	76
2o Ibura	65
3o Boa Viagem	28
4o Imbiribeira	10
5o Vila do IPSEP	5

Como se observa, não são nas áreas de maior concentração de riqueza que existem centros e terreiros de xangôs nesta zona.

Em terceiro lugar, está a zona administrativa de Afogados nº 8 com 155 centros ou 10,24%. Compreendendo os distritos de Mangueira, Mustardinha, Bongí, Jardim São Paulo, Estância, Torrões e Afogados, esta zona é também caracterizada como uma das zonas pobres da cidade do Recife. Sua população é de 137.073 habitantes. Sua densidade demográfica, habitantes por hectare, não é tão alta (55-60), pois se trata de uma das zonas de maior

superfície da cidade do Recife. É a seguinte a distribuição dos centros e terreiros nos distritos desta zona:

1º Afogados	87
2º Mustardinha	28
3º Mangueira	19
4º Jardim São Paulo	16
5º Estância	5

Em quarto lugar encontra-se a zona administrativa nº 15 de Beberibe que contribui com 151 terreiros ou 9,97%.

Trata-se de uma zona das mais populosas da cidade do Recife, pois conta com 145.785 habitantes. Sua relação habitantes por hectare é uma das mais altas do Recife (130-155). Limita-se com o vizinho município de Olinda e muitos dos seus distritos para seus moradores não são bem delimitados. Ora o habitante se diz residir em Olinda, ora no Recife. São seus distritos: Cajueiro, Fundão, Água Fria, Arruda, Alto do Céu, Alto do Deodato, Alto do Pascoal, Alto José do Pinho, Linha do Tiro, Passarinho e Águas Compridas.

Compreende, às vezes, parte dos distritos de Peixinhos, Fosforita, Caixa D'Água, Sapucaia, etc. Não existe, como se vê, uma delimitação precisa entre os habitantes dos distritos de Beberibe com o município de Olinda. Muitos centros existentes em distritos de Beberibe se dizem pertencer ao município de Olinda e vice-versa. Nosso critério, neste caso, foi optar pelo município que constava na ficha do IJNPS.

Em quinto lugar, com 4,56% desses centros está a zona nº 10 de Tejió que abrange os distritos de Barro, Areias, Caçote, Sancho, Alto do Pacheco etc. Limita-se com o município de Jaboatão e de modo análogo à zona de Beberibe, que se limita com Olinda, esta zona tem distritos que são ora considerados do Recife, ora de Jaboatão. É o caso de Sucupira e Totó que, embora pertençam ao município de Jaboatão, alguns de seus residentes se dizem pertencer ao Recife. É a seguinte a distribuição desses centros nos diferentes distritos desta zona:

1º Areias	31
2º Tejió	18
3º Barro	10
4º Caçote	3
4º Sucupira	3
4º Pacheco	3
5º Sancho	1

Redução considerável já começamos a observar na região que pela ordem ocupa o 6º lugar. Trata-se da zona de Madalena que abriga número de centros 7 vezes menor que a de Casa Amarela; 6 vezes menor do que a de Boa Viagem e 5 vezes menor que a de Afogados.

Vêm pela ordem as zonas administrativas da Várzea que está em 7º lugar com 2,05% dos terreiros; zona da Encruzilhada, com 1,98%; a zona do Poço, com 1,59%; a de Boa Vista e São José, com 0,99%; a de Santo Amaro, com 0,46%; a das Graças, com 0,13% e a do Recife e de Santo Antônio que aparecem juntas pois apenas contribuem com 0,06%.

7º lugar	Várzea	2,04%
8º lugar	Encruzilhada	1,98%
9º lugar	Poço	1,58%
10º lugar	Boa Vista/São José	0,99%
11º lugar	Santo Amaro	0,46%
12º lugar	Graças	0,13%
13º lugar	Recife e Santo Antônio	0,06%

Nota-se redução considerável da zona administrativa que ocupa o 4º lugar pela ordem, para a que ocupa o 5º lugar. A zona das Graças, que apresenta as mais altas médias de renda familiar, está abrigando apenas 0,13% de centros, se colocando imediatamente em seguida aos bairros ou zonas do Recife e de Santo Antonio que não são caracterizados como residenciais. O bairro ou zona do Recife e não o de Santo Antonio concorre apenas com 1 desses centros que é localizado nas redondezas da Fortaleza do Brum, área onde residem famílias. São as zonas ou bairros de Casa Amarela, de Boa Viagem, de Afogados e de Beberibe as que se situam em primeiro lugar quanto ao número de centros. São também estas zonas ou bairros que apresentam taxas mais baixas de renda da cidade do Recife. (veja quadro nº 4). Nos bairros ou zonas de Boa Vista e de São José, a maioria desses terreiros se situa no Coque e nos Coelhoos que são áreas de muita pobreza e também residenciais.

Dos municípios do Grande Recife é o de Jaboatão o que apresenta o maior percentual desses centros, ou seja 18,16%. É também Jaboatão, entre os municípios componentes da área metropolitana do Recife, o que tem maior população e também aquele que vem apresentando o maior crescimento populacional, especialmente nas duas últimas décadas, quando quadruplicou sua população de 57.278 no ano de 1950, para mais de 201.000 no ano de 1970.

Em 2º lugar, está Olinda com 7,52% desses centros. Sua população, de 196.342 habitantes, coloca-a imediatamente em seguida ao município de Jaboatão. Sua densidade demográfica é a mais alta entre todos os municípios componentes da área metropolitana, uma vez que sua superfície é de apenas 29 Km². São exatamente nos distritos e nas áreas mais populosas de

Olinda como Peixinhos, Dois Unidos, Beberibe, Sapucaia, Caixa D'Água, nos altos e nos morros, onde estão os terreiros e cultos de xangô (23).

Em 3º lugar, encontra-se o município de São Lourenço representado com 94 centros ou 6,20%. Sua população, de mais de 95.000 habitantes, coloca-o também em 3º lugar quanto ao tamanho da população, logo em seguida a Olinda. Neste município, o distrito de Camaragibe contribui com grande número desses centros ou seja 23 deles. É também este distrito (Camaragibe), que apresenta maior população. Camaragibe, assim como muitos outros distritos dos municípios do Grande Recife, é local em sua grande maioria habitado pelas populações pobres da metrópole do Recife.

Em 4º lugar, está o município de Paulista com 60 centros ou 3,86%. Finalmente, em 5º e último lugar vem o município de Cabo com 43 centros ou 2,84%.

Fica visto que grande parte dos centros e terreiros de xangôs (38,70%) se localiza nos municípios que estão nas redondezas do Recife ou em sua área de influência metropolitana. Na realidade, esses municípios componentes da área metropolitana abrigam um percentual maior de terreiros em relação à sua população que a cidade do Recife individualmente. Fosse mantida a mesma relação (hipoteticamente) de 635.975 habitantes que é a população dos 5 municípios sorteados, para 586 centros, teríamos caso esses municípios tivessem uma população do tamanho da cidade do Recife, 977 centros, ou seja, número maior de centros que a cidade do Recife (*).

População – Cidade do Recife	nº de centros	%
1.060.701	928	61,29
População dos 5 Municípios sorteados	nº de centros	%
635.975	586	38,70
Hipótese da população dos 5 Municípios ser igual à da cidade do Recife	nº de centros	%
1.060.701	977	64,4

(*) Dados relativos ao recenseamento de 1970.

3 – CONCLUSÕES FINAIS

O número de terreiros e centros de xangô e umbanda vem aumentando bastante, especialmente nas cidades grandes ou metropolitanas do Estado. Eles vêm florescendo mais nos centros metropolitanos, onde populações vivem juntas, com culturas diferentes e inúmeros problemas diferentes de adaptação. Não existem com freqüência, isoladamente no quadro rural. É fenômeno de cidade.

Seu crescimento, como se vê, está vinculado à recente urbanização das cidades do Estado; especialmente nas últimas décadas. É exatamente nas áreas onde habitam populações pobres de origem predominantemente rural e marginalizadas que esses centros vêm se difundindo mais. (Veja quadros nº 3 e nº 4). O crescimento da cidade do Recife por si só não se justificaria não fossem as migrações do interior para a cidade. Esse crescimento vem ocorrendo em desproporção com o aumento do restante do Estado (Veja quadro nº 4).

São, portanto, nas áreas de situações de mudança rápida (24), que esses centros vêm crescendo mais, nas zonas, distritos ou municípios, ou locais de grandes concentrações populacionais, como em Casa Amarela, em áreas de Boa Viagem (Pina, Brasília Teimosa), em Afogados, Beberibe, Jaboatão, Olinda e São Lourenço (Veja Quadro nº 3). Nas zonas que apresentam as mais altas rendas médias familiares (mais riqueza), quase não existe a presença desses centros. São, só nas zonas ou nos distritos residenciais que esses centros se localizam.

Não parece existir qualquer autoridade central organizadora, que regule a doutrina ou o ritual dos xangôs e umbanda do Estado, como acontece nas igrejas, denominações ou seitas. Mesmo assim, os cultos de xangôs e umbanda apresentam regularidades nas suas práticas e nos seus procedimentos e um sistema mais ou menos coerente de princípios e rituais em relação aos seus membros (adeptos) e as suas entidades sobrenaturais (orixás, guias etc.).

As ditas religiões afro-brasileiras (xangô-umbanda) já atingem grande parte das populações mais pobres da maioria das cidades da área metropolitana do Recife. Grande parte desses centros (38,70%) na amostragem, se localiza nos municípios que compõem a área metropolitana do Recife, como Jaboatão, Olinda, São Lourenço, Cabo etc. Essas religiões afro-brasileiras, estabelecidas e organizadas em forma de cultos, atraem principalmente aqueles que vivem e que compõem a classe inferior. São esses cultos agências proporcionadoras de funções de integração às várias situações de mu-

(24) Adaptação de pessoas de origem rural às condições de vida urbana-industrial, tensões sociais diversas, etc.

dança de grande parte da população brasileira, notadamente aqueles que se encontram despreparados para integração na nova sociedade urbano-industrial.

QUADRO Nº 5

População Rural e Urbana do Estado de Pernambuco em 1940, 1950, 1960 e 1970.

ANOS	Urbana	Rural	Total
1940	787.808	1.900.432	2.688.240
1950	1.167.400	2.227.785	3.395.185
1960	1.856.689	2.280.181	4.136.900
1970	2.861.178	2.391.412	5.252.590

Percentual da População Rural e Urbana do Estado de Pernambuco em 1940, 1950, 1960 e 1970.

ANOS	Urbana	Rural	Total
1940	29,31 %	70,69 %	100,00 %
1950	34,38 %	65,62 %	100,00 %
1960	44,88 %	55,12 %	100,00 %
1970	54,47 %	45,53 %	100,00 %

Percentual da População da Cidade de Recife sobre o Total do Estado.

ANOS	RECIFE
1940	12,96 %
1950	15,45 %
1960	19,27 %
1970	20,64 %

Fonte: IBGE

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BASTIDE, Roger. *Imagens do Nordeste místico*. Rio de Janeiro, O Cruzeiro, 1945.

_____. *As religiões africanas no Brasil*. São Paulo, Pioneira, 1971.

- BELLAH, Robert. *The sociology of religion*. The International Encyclopedia of the Social Sciences, v. 13 e 14. New York, MacMillan, 1972.
- CAMARGO, Cândido F. Procópio. *Católicos, protestantes, espíritas*. Petrópolis, Ed. Vozes, 1973.
- CARNEIRO, Edson. *Candomblé da Bahia*. Rio de Janeiro, 1969.
- CAVALCANTI, Clóvis. *O mercado de pescado do Grande Recife*. Recife, SUDENE/IJNPS, 1969.
- CONGRESSO AFRO-BRASILEIRO NO RECIFE, 1, Recife, 1934. *Estudos afro-brasileiro*. Pref. de Roquette Pinto. Rio de Janeiro, Ariel, 1935.
- DIÉGUES JÚNIOR, Manuel. *Estudos de relações de culturas no Brasil*. Rio de Janeiro, MEC, Serviço de Documentação, 1955, 67 p.
- _____. *Etnias e culturas no Brasil*. Rio de Janeiro, MEC, Serviço de Documentação (s.d.)
- EDUARDO, Octavio da Costa. *The negro in northern Brazil*. New York, J.J. Augustin Publisher (s.d.)
- FREYRE, Gilberto. *Casa grande & senzala*. Recife, Imprensa Oficial, 1966.
- GERMANI, Gino. *Sociologia da modernização*. São Paulo, Mestre Jou, 1974.
- GONÇALVES, Fernandes. *Xangôs no Nordeste; investigação sobre os cultos negros fetichistas do Recife*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1937.
- JOHNSON, Harry M. *Introdução sistemática ao estudo da sociologia*. São Paulo, Lidador, 1967.
- MELO, Mário Lacerda de. *As migrações para o Recife; estudo geográfico*. Recife, IJNPS, 1961.
- MERCHANT, Alexander & SMITH, Lynn. *Brazil: portrait of half a continent*. New York, (s. ed.) 1951.
- NUNES PEREIRA. *A casa das minas; contribuição ao estudo das sobrevivências daomeanas no Brasil*. Rio de Janeiro, Sociedade Brasileira de Antropologia e Etnologia, 1947. 65 p. (Publicação 1)

- PINTO, Rui. **Estudos afro-brasileiros**. Trabalhos apresentados no Congresso Afro-Brasileiro no Recife em 1934. Rio de Janeiro, Ariel Ed., 1935. 19 v.
- READ, William. **Fermento religioso nas massas do Brasil**. Campinas, Liv. Cristã Unida, 1967.
- REIS VELLOSO, João Paulo. **Pronunciamento na sessão de abertura do 10 Seminário Nacional sobre Desenvolvimento Urbano**. Rio de Janeiro, 11.09.1972.
- RIBEIRO, René. **Cultos afro-brasileiros do Recife; um estudo de ajustamento social**. Recife, IJNPS, 1952.
- _____. **Pentecostalismo no Brazil**. *Vozes*, Petrópolis, 63 (2), fev. 1969.
- _____. **Xangô**. Recife; Prefeitura Municipal do Recife. Secretaria de Recreação e Turismo, 1965. 7 p. il.
- SMITH, Lynn. **Brasil: povo e instituições**. Trad. de José Arthur Rios. Rio de Janeiro, USAID, 1967.
- VALENTE, Waldemar. **Sincretismo religioso afro-brasileiro**. São Paulo, Ed. Nacional, 1955.
- VERGER, Pierre. **Orixás**. 38 desenhos de Carybé. Salvador, Tip. Beneditina (s.d).
- WEBER, Max. **Ensaio de sociologia**. Rio de Janeiro, Zahar Ed., 1971.
- _____. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo, Pioneira, 1967.
- WILSON, B. **Religion organization**. The International Encyclopedia of the Social Sciences. New York, MacMillan, 1972. V. 13.

